

Resenha Bibliográfica

▪ RODRIGO MENON S. MOITA*

GONÇALVES, Carlos Eduardo S.; GUIMARÃES, Bernardo.
Economia sem Truques: o mundo a partir das escolhas de cada um.
São Paulo: Campus-Elsevier, 2008, 224 p.

O livro *Economia sem Truques: o mundo a partir das escolhas de cada um* explora de maneira intuitiva o ponto central da ciência econômica: como as pessoas reagem a incentivos. Esse é o ponto de partida para as mais variadas situações usadas pelos autores Carlos Eduardo Gonçalves e Bernardo Guimarães para explicar conceitos importantes da economia, como o conjunto de possibilidade de escolha, o sistema de preços, falhas de mercado etc. A diferença deste em relação a outros livros que se propõem a ensinar economia está em descrever essas idéias com situações familiares para todos nós sem o uso de jargões e termos econômicos comumente utilizados pelos economistas – que desagradam amplamente os não economistas – para tentar, através delas, explicar como e por que a economia funciona da forma que funciona.

O livro pode ser dividido em duas partes. Na primeira, dedica-se a explicar os conceitos fundamentais da economia, teoria da escolha, restrição, falhas de mercado etc. Na segunda, usa os conceitos apresentados na primeira parte para analisar temas de interesse geral, tais como tráfico de drogas, abertura comercial, previdência social e impostos, entre outros.

A primeira parte começa com o exemplo das crianças de Bangladesh que trabalhavam na indústria têxtil para explicar como as pessoas escolhem. O uso de mão-de obra infantil nessa indústria levou o congresso dos EUA a aprovar uma lei proibindo a importação de produtos que usavam trabalho infantil. Conseqüentemente, os EUA pararam de importar têxteis de Bangladesh, o que fez com que não houvesse mais trabalho para as crianças na indústria têxtil. O que se observou em relação a essas crianças foi que, ao invés de irem para a escola ou ficarem em casa brincando, elas se prostituíram ou foram trabalhar em condições ainda piores. A moral da história

* Ibmec - São Paulo. E-mail: rodrigomsm@isp.edu.br. Endereço para contato: Rua Quatá, 300, sala 418, Vila Olímpia, São Paulo, SP

é que quando a criança, ou a família da criança, escolhia trabalhar na fábrica, estava optando pela melhor das alternativas à sua disposição. Ir à escola ou não era uma opção viável ou então não era a melhor, pois as crianças precisavam ajudar no sustento dos seus lares.

A eliminação dessa possibilidade foi ruim para as crianças de Bangladesh, pois reduziu o bem-estar desse grupo. E isso é sempre verdade: toda vez que eliminamos uma possibilidade do conjunto de escolha de uma pessoa a sua utilidade cai ou não se altera, mas nunca aumenta. Por quê? Porque as pessoas escolhem o que é melhor para elas, ou o que maximiza a sua utilidade. Esse é o ponto central da teoria da escolha.

A externalidade aparece quando as escolhas das pessoas afetam outras pessoas. É assim que o texto faz a ligação entre a teoria da escolha e falha de mercado. A falha de mercado é uma das duas principais linhas de argumentação do livro, pois uma discussão recorrente é a necessidade de intervenção estatal. “*O Estado precisa intervir em determinada situação?*” - perguntam os autores - e a principal justificativa para a intervenção estatal é a falha de mercado. O estado regulador de mercados com problemas microeconômicos é o principal motivador da intervenção do Estado. No caso da externalidade, o Estado precisa usar algum mecanismo para controlar a poluição emitida por uma fábrica, pois a fábrica não leva em conta a poluição quando toma as suas decisões.

A partir daí, o texto dedica-se a explicar vários conceitos centrais em economia. A formação dos preços é explicada com exemplos de empresas que tomam decisões baseadas nos seus custos e na elasticidade da demanda. Os preços de equilíbrio de um mercado, por sua vez, dependem da interação da oferta e da demanda. Estes dois tópicos são motivados com casos de leis que foram criadas e que têm efeitos não esperados e indesejados no equilíbrio da economia. No primeiro caso, eles citam a lei da meia-entrada obrigatória para estudantes nos cinemas e mostram como isso levou a um aumento do preço do ingresso para os não-estudantes. De fato, isso é equivalente a uma lei que obriga não-estudantes a pagarem o dobro (isso não é óbvio para não economistas ou estudantes de economia!). No segundo, eles citam a lei que eleva o salário do trabalhador no período de férias, e como esse aumento foi compensado com uma redução do salário mensal do trabalhador.

À tentativa de reduzir o preço para os estudantes sem prejudicar os não-estudantes e de elevar o salário do trabalhador com uma lei, sem alterar as condições da oferta e da demanda, os autores dão o bem humorado nome de economágica. Economágica seriam leis ingênuas, com objetivos em geral distributivos entre grupos da sociedade, que assumem que o sistema econômico não se ajusta a novos ambientes. Essa é a outra principal linha de argumentação da obra. A intervenção do governo em mercados

problemáticos e a econômica (também uma intervenção do governo) guiam boa parte da discussão do livro.

O texto não segue a ordem tradicional da apresentação dos tópicos de livros de economia; os assuntos aparecem sem uma ordem clara, mas se apoiam em conceitos desenvolvidos nos capítulos precedentes. A relação entre o desenvolvimento tecnológico e o crescimento econômico é explicada através da história do desenvolvimento agrícola e industrial através dos séculos. Esse ponto enfatiza que o desenvolvimento tecnológico não gera desemprego, apesar de haver ajustes significativos no curto prazo. Esses ajustes muitas vezes dão origem a grupos que se opõem à adoção de novas tecnologias.

Um capítulo é dedicado a explicar o funcionamento do sistema de preços, ou 'como o sistema de preços regula a economia'. A história apresentada no livro é a seguinte: um jornal dinamarquês publica uma charge considerada ofensiva ao profeta Maomé, gerando indignação no mundo islâmico e aumentando a tensão no Oriente Médio. Isso faz com que o preço do ouro se eleve. Por ser um investimento seguro em tempos de incerteza, esses tipos de evento aumentam a demanda e o preço do ouro. Do lado da oferta, mais recursos são alocados para o descobrimento de novas minas. Do lado da demanda, fica mais caro comprar jóias de ouro, e menos jóias são vendidas. O interessante do sistema de preços é que nem os descobridores de minas nem os compradores de jóias precisam estar informados do episódio da charge para tomarem estas decisões, e, no entanto, suas decisões são as melhores possíveis para a sociedade. Mais ouro estará disponível para a compra dos investidores via aumento da produção (mais minas) e também via redução da compra de jóias. Esse exemplo dá uma breve idéia da dificuldade informacional que seria criar um sistema que tomasse as decisões de produção e consumo de modo centralizado.

Falhas de mercado são novamente explicadas pela externalidade negativa dos carros que circulam pelo centro de Londres, o que motivou a intervenção do Estado através da adoção de um pedágio urbano. Falhas de governo são definidas como o custo e a possibilidade de corrupção que a intervenção governamental gera em algumas situações.

A desigualdade social é tratada de maneira particularmente interessante. Ela é explicada como consequência da ausência de um mercado de seguro das almas dos que vão nascer. Antes de nascer estas almas fariam seguros umas com as outras para que as que tivessem a sorte de nascer em famílias ricas transferissem renda para os menos afortunados que nascessem em famílias pobres. Isso ocorreria antes que elas soubessem em que tipo de família iriam nascer. Essa explicação é interessante, pois justifica a intervenção do governo na questão da distribuição de renda como uma correção de uma falha de mercado.

Expostos esses conceitos, o livro passa à segunda parte referente à análise de temas de interesse amplo à luz dos conceitos explicados na primeira parte. A segunda parte faz uso intensivo da discussão sobre ser ou não necessária a intervenção do Estado na economia, através da existência de falhas de mercado, e também apresenta uma série de medidas de economágia.

A necessidade da existência de um sistema público previdenciário é ilustrada com a fábula da cigarra e da formiga. A formiga poupa no verão, período que representa a juventude, enquanto a cigarra não o faz. Na fábula não está claro o que acontece com a cigarra após a chegada do inverno, mas no mundo em que vivemos as cigarras pressionariam o governo para receber algum auxílio nos anos de velhice. Como esse auxílio necessariamente teria que vir de quem poupou, no caso as formigas, a decisão das cigarras de não poupar na juventude gera uma externalidade negativa para as formigas. O sistema público de previdência seria uma forma de poupança forçada para que nós, cigarras, nos preparássemos para os anos de velhice e não gerássemos externalidades negativas para as formigas precavidas.

O papel do governo também é analisado no caso da educação. A importância que a educação tem no desenvolvimento de uma sociedade faz com que a educação de uma pessoa gere externalidade positiva para o meio em que está inserida. Além disso, a educação é um dos meios mais poderosos de redução da desigualdade social e, portanto, um instrumento eficaz para suprir a falta que o mercado de seguro das almas faz para a distribuição de renda.

O comércio internacional é explicado como um ente, ou uma máquina, que transforma o que exportamos naquilo que importamos. Vale destacar a inspirada explicação do conceito de vantagens comparativas relativas através da história de que Pelé era um ótimo goleiro, talvez o melhor atleta de todo o time do Santos para jogar nessa posição, mas ele jogava na linha. O motivo é que, em relação aos outros jogadores, era muito, mas muito melhor jogador do que goleiro.

Vários outros temas são explorados no livro, tais como a questão das distorções geradas por impostos, a assimetria de informação no mercado de crédito, a relação do ambiente institucional com a organização do mercado de drogas, o problema do agente principal na política etc. Em alguns desses tópicos, o foco é o papel do Estado, tanto como responsável por corrigir as falhas de mercado quanto tentando intervir com leis que acabam tendo efeitos inócuos ou negativos – as leis da economágia; porém, em outros, o objetivo é somente discutir as idéias centrais do tópico analisado.

O livro percorre uma extensa gama de conceitos e assuntos relevantes àqueles que se interessam por economia. Após explicar intuitivamente idéias centrais do pensamento

econômico, passa a usar esse arcabouço para analisar tópicos importantes da economia brasileira. A questão da intervenção do Estado é recorrente na obra e funciona como um exercício dos conceitos aprendidos nos primeiros capítulos: identifica-se uma falha de mercado e então se discute se a intervenção do Estado é necessária ou não, e também se efetivamente funcionará ou não. Os autores usam exemplos para explicar de forma intuitiva os conceitos necessários para que o leitor consiga fazer esse tipo de análise.